

Aula 2

O TEXTO E SUAS MÚLTIPLAS PROPRIEDADES: ESTRATÉGIAS DE TEXTUALIZAÇÃO

METAS

- Apresentar a concepção de texto como lugar de interação social, com base nos pressupostos teórico-analíticos da linguística de texto na atualidade.
- Trabalhar com estratégias de textualização teórico-analíticas na progressão textual, considerando as continuidades referencial, temática e tópica da língua.
- Analisar suas relações, ao apresentar níveis de análise sintática, semântica e pragmática na escrita e vice-versa.

OBJETIVOS

- Ao final desta aula, o aluno deverá:
 - Compreender o quanto é importante usar o texto sob novos olhares, novas perspectivas, novos paradigmas, em suas múltiplas possibilidades de análise, como forma de atuação social, cognitiva e prática comunicativa.
 - Conhecer estratégias de textualização, dentre elas, as da referenciação, tematização, rematização e as do tópico discursivo, as quais vão contribuir significativamente para a construção da coerência do texto.
 - Analisar textos (enunciados), identificando essas estratégias na progressão textual.

PRÉ-REQUISITOS

- Ter noções de texto, contexto, conhecimentos prévios e estratégias de textualização.

Geralda De Oliveira Santos Lima

INTRODUÇÃO

Caro/a estudante,

Na aula anterior, você viu noções importantes a respeito da linguagem como prática social, que foram estabelecidas em duas dimensões, entre abordagens de texto e abordagens do discurso. A nosso ver, um dos maiores desafios para as ciências humanas tem sido tratar do fenômeno linguagem, em especial, a linguagem verbal. Questão essa que não pode deixar de estar presente e de se transformar em um desafio no domínio das práticas de leitura e escrita. Você também teve a oportunidade de ter lido atentamente, na primeira aula, sobre práticas de oralidade e escrita no letramento acadêmico. Como você mesmo/a pode perceber, tudo isso está ligado ao objeto texto. Para melhor compreender este objeto e analisá-lo, considerando toda a complexidade que lhe é constitutiva, a Linguística de Texto estabeleceu e vem estabelecendo diálogos com muitos outros campos do conhecimento. Para início de conversa, é preciso não perder de vista o conteúdo da aula anterior e se ligar no assunto ou tema desta próxima aula.

A realidade em que vivemos é construída e transformada não somente pela forma como nomeamos o mundo, ou as coisas do mundo, mas também pela forma como interagimos com ele, interpretamo-lo e construímos, sociocognitivamente, o nosso próprio mundo no entorno físico, social e cultural (KOCH, 2002). Sabemos que, ao se pensar questões de linguagem, cada língua mostra variedades de formas de expressão, abrindo-se, assim, para o usuário da língua um amplo espaço de formulação de escolhas lexicais possíveis. Dessa maneira, o processo de construção de sentidos de qualquer texto depende, em grande parte, das escolhas que esse usuário realiza como atividade, como prática social, negociada entre sujeitos que, por meio de ações discursivas, vão contribuir para a elaboração de textos coesos e coerentes. Na verdade, a compreensão e interpretação de textos obedecem a regras, ou níveis de construção diferenciados: o sintático, o semântico e o pragmático (GUIMARÃES, 2009), de modo que a coerência do texto não se estabelece sem se levar em conta fatores linguístico, social, cognitivo, interacional, cultural, bem como crenças, desejos, preferências, normas e valores dos interlocutores.

O texto, como afirma Marcuschi (2007), é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas. É um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação, de modo que caberia à Linguística Textual (doravante LT) desenvolver paradigmas procedurais de descrição textual, modelos capazes de dar conta de processos cognitivos que permitem a integração de conhecimentos prévios (textual, linguístico, enciclopédico, intertextual, contextual) dos parceiros da comunicação. Veja estas duas perguntas, embora só a segunda oriente nossa reflexão aqui, nesta aula:

1. Você já imaginou como se dá a realização dos textos, em pleno século XXI, de modo descontextualizado?
2. Ou como o estudo do texto se realiza a partir de estratégias de textualização (construção) que não só podem estabelecer uma ponte entre teorias sobre o texto, mas também contribuir para a sua realização?

São muitas as possibilidades de respostas a esses tipos de questões. Isso vai depender da vertente teórica em que se situe o estudioso de textos. Daí, ser muito importante sempre mostrar com que noção de linguagem, de língua, de texto, de discurso e de sujeito se trabalha (KOCH, 2002).

Para esta aula, caro/a discente, dentre tantos outros mecanismos que contribuem para a construção do texto à luz dos estudos **sociocognitivo** e interacional da linguagem, temos como ponto de partida de nossas reflexões falar como se realiza a progressão textual a partir da mobilização de estratégias de textualização. Para tanto, vamos recorrer às noções básicas sobre progressão referencial, progressão temática e progressão tópica. São, portanto, essas estratégias de textualização, cada uma apresentando características diferenciadoras, responsáveis pela continuidade (progressão) do texto escrito ou falado. A escolha de uma ou de outra vai não só contribuir para o avanço do texto, mas também contribuir significativamente para a construção dos sentidos do texto, visto que os sujeitos constroem a coerência por intermédio de recursos de textualização.

Ver glossário no
final da Aula

Nesse sentido, esta aula, além da introdução e conclusão, está organizada em quatro subtópicos: o primeiro tem como foco a apresentação de um breve panorama sobre o texto, pondo em evidência categorias teórico-analíticas, como as da referenciação, da tematização e do tópico discursivo; o segundo discorre sobre processos referenciais, como o papel de referentes, expressões referenciais e anáforas na continuidade/ progressão textual; o terceiro apresenta um estudo, também breve, sobre a tematização e rematização na construção da coerência, quer dizer, dos sentidos do texto; o quarto subtítulo mostra que um texto compõe-se de segmentos tópicos relacionados com o tema geral ou tópico discursivo. A seguir, trataremos de como melhor direcionar o nosso olhar para o processamento da continuidade textual, cujo propósito é demonstrar aplicações possíveis na análise de fenômenos de natureza linguístico-textual mediante o uso dessas estratégias de textualização.

PROGRESSÃO TEXTUAL: sob uma abordagem interacional de base sociocognitiva

Na década de 1990, as especulações a respeito da separação entre fenômenos mentais e sociais motivaram a virada discursiva. Numa

perspectiva bakhtiniana, a LT adotou uma concepção sociocognitivo e interacional ou dialógica da língua, na qual os sujeitos são vistos como “atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2009 p. 19).

Pode-se facilmente verificar que, dentro dessa visão, amplia-se, mais uma vez, a noção de texto, visto aqui como uma atividade interativa complexa de produção de sentidos, o qual se realiza com base em categorias linguísticas presentes no cotexto (na superfície textual) e na sua forma de organização e funcionamento. No entanto, requer não somente a mobilização de um conjunto de saberes, mas também o uso de estratégias de textualização, as quais se estabelecem a partir de elementos de ordem social, cognitiva, cultural, histórica, interacional, levando em consideração crenças, valores, posições e desejos de seus interlocutores (VAN DIJK, 2012).

É no interior dessa perspectiva, e com base nesses pressupostos teórico-metodológicos, que têm surgido muitas questões relevantes para a compreensão, a análise, a produção e a realização dos textos, as quais passam a ocupar o centro de novas investigações, como a referenciação; as formas de progressão textual (a temática, a referencial e a tópica); a articulação textual; a dêixis textual; o processamento sociocognitivo do texto; os gêneros textuais; a intertextualidade, dentre tantas outras questões descritivo-analíticas que se encontram fundamentadas em trabalhos de Mondada e Dubois (2003); Adam (2008, 2019); Hanks (2008); **Van Dijk** (2012) e aqui, no Brasil, nos de Marcuschi (2007); **Koch** (2008, 2009); Guimarães (2009); Koch e Elias (2009, 2016, 2017); Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

Ver glossário no final da Aula

Koch (2009) ressalta que a compreensão (ou a produção) dos sentidos de um texto requer não apenas a consideração dos elementos coesamente organizados na materialidade linguística, isto é, na superfície do texto, mas também a mobilização de um conjunto de fatores social, cognitivo, cultural e interacional. Na verdade, os conhecimentos **prévios** são de extrema importância no processamento textual; conjuntamente, eles colaboram para a construção da coerência, ou melhor, dos próprios enunciados. Para um maior aprofundamento da questão, consulte Cavalcante e Santos (2012), visto que muitas são as perspectivas teóricas nos estudos sobre linguagem, texto, discurso e coerência. Mediante o que foi apresentado até aqui, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 21) dizem o seguinte:

Ver glossário no final da Aula

A existência de um texto está atrelada à possibilidade de se atribuir coerência a uma dada ocorrência comunicativa (não exclusivamente linguística). A coerência surge da percepção de uma unidade negociada de sentido que depende da intenção argumentativa do locutor, da coparticipação do interlocutor, das indicações marcadas na superfície do texto e de um vasto conjunto de conhecimentos compartilhados.

Assim, o sujeito ativo constrói sentidos, partindo daquilo que o texto apresenta em sua materialidade linguística. Isso é válido, mas devemos reconhecer que o texto tem seus segredos e, para desvendá-los, é preciso seguir as pistas que nos levam à ativação ou à reativação de conhecimentos prévios armazenados em nossa memória e relacionados à língua e às práticas interacionais, os quais são necessários para a continuidade textual, ou seja, para a elaboração da coerência.

A partir dessa discussão, esperamos que você tenha percebido que a coerência dos textos não depende, somente, do conhecimento linguístico explicitado na superfície textual. É preciso ficar atento às propriedades múltiplas de configuração dos sentidos. No próximo subtópico, caro/a discente, vamos ver que a referencialização é uma das estratégias da textualização relacionada ao dinamismo inerente à configuração textual.

PROGRESSÃO REFERENCIAL:

construção e reconstrução de objetos de discurso

Neste tópico, vamos abordar, de forma breve, alguns conceitos importantes que certamente irão lhe ajudar no entendimento do que seja progressão referencial. A LT, sob uma abordagem interacional de base sociocognitiva, nas três últimas décadas, tem desenvolvido propostas teórico-analíticas à luz de estratégias da referencialização. Nesse panorama, a primeira pergunta que pode ocorrer a quem tem interesse, ou deseja conhecer os processos referenciais, talvez seja:

O que é mesmo referencialização?

Preferimos começar dizendo que tudo que existe no mundo, como seres, coisas, objetos, sentimentos, é (re)construído pelos sujeitos em suas práticas sociocognitivas e culturalmente situadas. Isso significa dizer que já estamos falando de referencialização, uma proposta teórica-analítica de natureza altamente dinâmica. A referencialização é um fenômeno textual-discursivo dos mais relevantes na produção dos sentidos do texto. O nosso propósito, aqui, é que você conheça algumas estratégias referenciais responsáveis pelo bom andamento da compreensão, da produção e análise dos textos em suas múltiplas dimensões, ou realizações. De forma simplificada, a referencialização pode ser definida como um processo de construção e reconstrução de objetos de discurso (de referentes, ou de entidades). A título de exemplificação, veja o texto a seguir:

(1) Dona Remédios

A mulher vinha sempre de bicicleta e, daquela vez, [ela] se trancou no quarto com meu pai. Era a Dona Remédios. Não sei se era esse

mesmo **o nome dela** ou se era porque ela é quem trazia remédio para nós. De tempo em tempos, **[ela]** vinha instruir sobre o caderno das vacinas, **[ela]** falava pra não comer sem lavar as mãos, só beber água fervida, não andar de pé no chão (o pior de tudo). [...] Enquanto **a mulher** conversava com meu pai, a gente ficou na sala, com uma curiosidade sem fim, querendo saber por que tanto segredo, como se estivessem fazendo coisa que ninguém pudesse fazer.

VIANA, Antônio Carlos. Dona Remédios. **Cine privé**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 99.

Na produção de um texto, elege-se inicialmente um assunto/tema ou objeto de discurso (aquilo a que se faz referência constantemente, ou daquilo que se vai tratar, ou falar), ao qual se vão acrescentando as informações desejadas por meio de retomadas ou remissões de formas nominais explicitadas no cotexto.

Nesse exemplo (1), percebemos sem nenhuma dificuldade que o assunto a que o autor faz referência é “Dona Remédios”. Esse referente (ou entidade) foi introduzido no texto, pela primeira vez, no título, e é retomado imediatamente, de forma explícita, pela expressão referencial “a mulher”. Esta forma nominal que promove a retomada do referente, mantendo-o presente no texto e em nossa memória, assume algumas funções, como de indicar o modo como esse referente será descrito ou modificado na continuidade textual, pois o usuário da língua (o autor) escolhe diferentes maneiras de representá-lo, utilizando-se de outros sintagmas nominais ou dele mesmo, pronomes, elipse, fazendo-o progredir. É muito importante sempre se ter em mente que o produtor de um texto precisa possuir conhecimentos prévios, necessários para que possa situar o tema em um dado contexto comunicativo, ou seja, no interior de dada prática social.

As retomadas do referente (Dona Remédios) introduzido nesse texto são feitas por expressões referenciais realizadas por meio de formas linguísticas diversas, tais como:

- √ sintagmas nominais diferentes, como em “a mulher”, “o nome dela”;
- √ pronomes substantivos elípticos, como em [“ela”] (se trancou no quarto com meu pai), [“ela”] (vinha instruir sobre o caderno das vacinas), [“ela”] (falava pra não comer sem lavar as mãos);
- √ sintagmas nominais repetidos totalmente, como em “a Dona Remédios” (Era a Dona Remédios);
- √ pronome substantivo, como em “ela” (é quem trazia remédio para nós).

Veja que o referente retomado e recategorizado “Dona remédios” não deixa de ser a mesma entidade (objeto de discurso) durante o

desenvolvimento dos sentidos do texto, isto é, na progressão referencial do texto em análise. Ou, ainda, mediante a retomada do referente introduzido, são criadas pistas linguísticas que vão contribuir para o estabelecimento da seguinte cadeia coesiva ou referencial: “a mulher, “ela”, “a Dona Remédios”, “o nome dela”, “ela” [...], quer dizer, um conjunto de expressões referenciais que contribuem para o estabelecimento de um referente no texto, complementado por inferências de diferentes níveis de análise. Essas expressões que retomam o mesmo referente, aqui, “Dona Remédios”, são responsáveis pela manutenção e pela progressão da referência no texto e são chamadas de anáforas diretas ou correferenciais.

Além disso, só para reforçar, conhecer, ou analisar, a evolução do(s) referente(s) no texto é muito importante, pois ajuda na compreensão, interpretação e progressão do tema, assim como, também, na construção do ponto de vista do produtor, o qual vai aos poucos se firmando. O referente é, pois, nessa perspectiva de análise, uma entidade (ou representação) construída na mente do falante. Esse objeto de discurso emerge e se elabora progressivamente na dinâmica do texto. Quanto à expressão referencial, ela é uma forma linguística, um sintagma nominal, utilizada na superfície do texto (ou cotexto) para representar formalmente um dado referente, que, ao longo do texto, vai sofrendo transformações, mudanças, alterações progressivas a partir de atividades sociocognitivas desenvolvidas entre os sujeitos da comunicação. Essas expressões referenciais são muito importantes, fundamentais, para o estudo da progressão textual.



ATIVIDADE

Caro/a aluno/a, para reforçar a aprendizagem desse conteúdo, realize a atividade “Progressão textual”, sobre o estudo dos referentes ou objetos de discurso, disponível no AVA/Moodle.

PROGRESSÃO TEMÁTICA: uma das estratégias de construção da coerência textual

O presente tópico mostra a forma como a continuidade temática se processa em vários níveis de análise. Sabemos que as línguas, em geral, apresentam uma variedade de formas de expressão, gerando, assim, para o falante um amplo espaço de realizações, ou possibilidades de escolha, visto que a construção da coerência (dos sentidos) no texto depende, em grande parte, das escolhas que o usuário da língua realiza. Precisa-se entender que a produção de coerência dos textos, como uma atividade interativa

Ver glossário no final da Aula

altamente complexa, realiza-se tendo como base um conjunto de saberes de ordem linguística, social, cognitiva, cultural, histórica, enfim, de toda uma contextualização. Por essa razão, o **processamento estratégico do texto** depende não só de características textuais, mas também de conhecimentos de mundo desses usuários.

É preciso observar que, dentre as possibilidades de escolhas significativas e tomadas de decisões por parte do produtor em função de um querer dizer para o bom andamento do texto, as relações entre segmentos textuais podem ser estabelecidas a partir de vários níveis de análise. Neste tópico, propomo-nos a examinar, ou mostrar, no interior do enunciado, diferentes propriedades de articulação tema-remática, com ênfase naquelas em que ocorre algum grau de segmentação sintática do enunciado.

Koch (2008) afirma que há casos em que o produtor opta pela atualização de estratégias de tematização ou rematização, quer dizer, deslocamento de constituintes ou da informação temática dada (velha) ou da remática, em geral, informação nova. Veja o exemplo:

(2) as comidas baianas eu gostei muito (0) sabe? (NURC/RJ – DID 328).

Ver glossário no final da Aula

Esse exemplo nos mostra que na língua, principalmente na falada, ocorre algum grau de segmentação sintática no enunciado (frase), casos em que o falante opta pela utilização de estratégias de tematização e rematização. Em termos da articulação tema-remática, o enunciado acima mostra, também, que a ênfase é particularmente dada ao sintagma nominal “as comidas baianas”, em virtude do deslocamento desse constituinte, em que o rema, portador da informação nova, sucede naturalmente ao tema (as comidas baianas), que veicula a informação velha. Então, são esses tipos ou níveis de produção que nos permitem falar de segmentação e/ou de deslocamento de constituintes.

É interessante sempre se lembrar de que, nesse tipo de construção, a informação veiculada pelo falante compreende duas partes: a conhecida, dada – o tema; e a nova, o comentário – o rema. Assim, no exemplo (2), o constituinte destacado no início do enunciado “as comidas baianas”, sendo esse elemento tematizado um objeto indireto, ao operar-se tal deslocamento para a esquerda (início da frase) e retomado por uma categoria vazia – (0) no interior do comentário, desempenha a função de tema ou tematização.

Nessa anteposição do elemento remático (objeto indireto – “as comidas baianas”) para o início da sequência textual, em análise, podemos perceber que esse processo de deslocamento está diretamente ligado à expressividade e ao envolvimento sociocognitivo do falante não só com o assunto, mas também com o interlocutor. Por isso, esse tipo de construção se realiza mais na fala do que na escrita, especialmente em situações de interação menos

formais. Assim, no caso de deslocamento com retomada da expressão tematizada, é interessante averiguar a natureza da expressão deslocada, isto é, a função sintática (sujeito, complemento, adjunto) e categoria sintagmática (sintagma nominal (SN), sintagma preposicional (SP)), bem como a do elemento usado como repetidor e, ainda, as diferenças que ocorrem conforme os vários casos. Consideremos os exemplos a seguir:

(3) Os procedimentos linguísticos, o discente não os utilizou de forma adequada.

Nesse enunciado, o propósito do falante é enfatizar o constituinte remático “os procedimentos linguísticos”. Para isso, deslocou-o para fora da sua posição sintática normal de objeto direto (veja: o discente não utilizou os procedimentos linguísticos de forma adequada), dando origem a uma construção de tema, sendo, pois, retomado no interior desse mesmo enunciado por meio do pronome átono oblíquo (veja: [...] o discente não os utilizou de forma adequada). É importante ressaltar que a função das construções segmentadas é destacar um elemento lexical no interior do enunciado, trazendo-o para a posição inicial da proposição, como no exemplo acima, com o propósito de indicar ou chamar a atenção do interlocutor, desde o início do processo interativo, para aquilo de que o falante vai tratar, falar ou fazer referência.

Aqui, neste enunciado em análise, o tema “Os procedimentos linguísticos”, após introduzido, foi retomado, ou seja, repetido no rema: [...] o discente não os utilizou de forma adequada. A esse tema, que se mantém e orienta a construção de parágrafos, podem ser acrescentadas outras predicções que dizem respeito a algumas peculiaridades do tema, isto é, do objeto da descrição. Veja este outro exemplo:

(4) Paris eu não pago hotel... Paris... eu fico na casa de um amigo... apartamento de um amigo...
(NURC/RJ – DID 328).

O tema “Paris” deslocado da sua função sintática (ordem canônica) de adjunto adverbial, ao ser introduzido, dando origem, na opinião de Marcuschi (1986), a uma unidade comunicativa, é recategorizado (repetido) anaforicamente no rema: [...] eu não pago hotel... Paris... eu fico na casa de um amigo... apartamento de um amigo [...]. Eles (tema e rema) se combinam para dar ao texto a organização desejada, envolvendo novas predicções à medida que o texto avança. É por essa razão que esse elemento tematizado (Paris), do ponto de vista funcional, desempenha papel relevante no processamento pragmático-cognitivo de construção da coerência. Evidencia-se, assim, como o uso dessas construções permite ao

falante criar um tipo de organização e hierarquização de formas linguísticas que trazem uma contribuição muito importante para a coerência discursiva, que elas desempenham funções discursivo-interacionais relevantes.

Você já deve ter percebido que é justamente nesse universo interativo, dinâmico, que se constituem os elementos lexicais de elaboração e reelaboração de sentidos dos enunciados do texto em práticas sociais, isto é, em atividades sociocognitivo-interacionais, no âmbito das atividades de linguagem; pois, como bem diz Marcuschi (2007, p. 132) ao se referir à noção de língua, ela não é “um simples sistema de representação mental nem um sistema de comunicação apenas. Ela se manifesta como uma atividade social e histórica desenvolvida interativamente pelos indivíduos com alguma finalidade cognitiva”, ou seja, com o propósito de construção e compreensão dos sentidos.

A progressão temática de enunciados de um texto pode se realizar de diversas maneiras: (i) progressão com tema constante; (ii) progressão com subdivisão do rema; (iii) progressão com temas derivados; (iv) progressão linear; (v) progressão com salto temático. O uso de uma ou outra estratégia de progressão temática tem a ver com o tipo de texto, com a modalidade (oral ou escrita), com os propósitos e atitudes do produtor. Nesta aula, não trataremos dessa diversidade de casos de anteposição de constituintes.

Leia mais...

Sobre essas estratégias de progressão temática, o capítulo 04 (Progressão textual e argumentação) do livro de Ingedore Koch e Vanda Elias, intitulado “Escrever e argumentar”, 2017, p. 104-113.

As estratégias de textualização aqui estudadas são responsáveis, entre outros recursos, pela coesão textual, na medida em que possibilitam relacionar entre si as várias partes do texto. Assim, a partir do que tem diante dos olhos e do conhecimento prévio, o interlocutor vai construindo progressivamente a coerência do(s) enunciado(s) do texto. Agora, no subtópico a seguir, vamos ver que a progressão tópica ou o tópico discursivo se define por duas propriedades: a de centração e a de organicidade.

PROGRESSÃO TÓPICA OU TÓPICO DISCURSIVO: processo colaborativo entre interlocutores

No subtítulo anterior, destacamos a progressão tema-rema. Neste, vamos ver, de forma breve, que, na linguagem comum, tópico é aquilo sobre o que se fala. O tópico, em consonância com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), é tomado aqui como o assunto que permite estabelecer uma

unidade de coerência textual, uma vez que em torno desse centro giram todos os demais subtópicos ou subtemas.

O tópico discursivo pode ser utilizado como um critério de análise de base textual-discursiva, no que se refere à **macroestrutura** do texto. Pode ser, também, considerado como um elemento incorporado à interação, na medida em que resulta de um processo colaborativo entre interlocutores. Nessa perspectiva, vemos, portanto, que, ao destacar o tópico discursivo em diferentes textos, temos que levar em conta não só o material linguístico (a sua própria estruturação), mas também fatores contextuais, como conhecimentos partilhados, de mundo, de texto, pressuposições, e fatores sócio-históricos. Para Jubran (1992), na conversação, a noção de tópico se manifesta a partir de duas importantes propriedades: a da centração e a da organicidade.

Ver glossário no
final da Aula

A centração se manifesta a partir de um dado assunto, tendo como propósito atrair subtópicos para o mesmo eixo central, visto que todo texto se desenvolve a partir de um tema ou tópico discursivo. Com efeito, verifica-se que na conversação ou interação falada, na opinião de Galembeck (2017), o tópico é construído cooperativamente, na medida em que os participantes procuram manter a conversa em torno de referentes inseridos no contexto comum partilhado pelos próprios interlocutores. Vejamos o trecho a seguir, extraído do diálogo 269 entre dois informantes do corpus do Projeto NURC/RJ, no qual eles tratam do objeto de discurso “o trânsito”:

(5) L2 ah... isso [trânsito] é uma maravilha...

L1 não... honestamente... eu lá lá na minha casa... quase todos são motorizados... eu... há bem pouco tempo... também era... enquanto trabalhei na ilha... ainda tinha necessidade de carro... mas eu acho que é um negócio assim... que é um conforto que o carioca podia se privar... sabe... usar menos porque eu acho que é... é o congestionamento assim na hora de... da vinda do trabalho...

L2 é...

O tópico introduzido de forma explícita, “o trânsito” (referente), é sugerido pelo(a) documentador(a), no entanto, a partir do tema ou assunto sugerido, L1 faz algumas considerações a respeito do transporte coletivo, o que evidencia a própria dinamicidade do processo de construção do tópico discursivo. A centração ou focalização é assinalada mediante a construção (introdução) de objetos de discursos que ancoram ou fazem referência direta ou indiretamente ao trânsito (tópico discursivo) e aos meios de transporte, dentre eles, destacamos: “isso”, “motorizados”, “carro”, “congestionamento”. Essas expressões referenciais são muito importantes na criação desse espaço interativo comum partilhado pelos interlocutores como responsáveis pela construção dos sentidos e, portanto, da coerência textual em diferentes situações de uso da língua.

A organicidade se manifesta pela natureza das articulações entre tais tópicos, ou seja, diz respeito à relação que um tópico tem com outros na continuidade textual, mediante relações hierárquicas entre os subtópicos; logo, um texto é constituído de segmentos tópicos, direta ou indiretamente relacionados com o tema geral ou tópico discursivo, na medida em que, de conformidade com Koch e Elias (2017), esta forma de organização é determinada quer por questões ligadas à continuidade ou mudança de tópico, quer por fatores contextuais que facilitam a progressão ou realização dos textos.

CONCLUSÃO

O propósito desta aula foi mostrar a importância de algumas estratégias de textualização para/ na construção da coerência ou sentidos do texto, considerando, para isso, a progressão referencial, a temática e a tópica da língua. Falamos, inicialmente, a respeito da concepção de texto como lugar de interação social com base nos pressupostos teórico-analíticos adotados sob uma perspectiva interacional de base sociocognitiva da linguagem. Acreditamos ter mostrado que o contexto de uso aliado à interação verbal do sujeito e à negociação de sentidos estabelecidos com os interlocutores do discurso são fatores determinantes na elaboração dos sentidos, na medida em que o texto evolui (progride) dinamicamente via o uso de expressões referenciais na construção de objetos de discurso. Isso quer dizer que as atividades referencial, temática ou tópica são de natureza cognitiva e social, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem. Portanto, o constante ir e vir entre aquilo que foi dito (o velho) e aquilo que se está por dizer (o novo) possibilita ao produtor do texto, entre outras, as categorias de análise aqui estudadas (referencial, temática e tópica), as quais vão ser responsáveis pela construção da coesão e da coerência textual.



RESUMO

Esta aula teve por objetivo não só levar o discente a reconhecer diferentes estratégias de textualização, mas também relacioná-las, sob o paradigma sociocognitivo-interacional, às práticas de análise de textos vigentes na atualidade. Para isso, está organizada em quatro subtópicos: o primeiro tem como foco a apresentação de um breve panorama sobre o texto, pondo em evidência categorias teórico-analíticas, como as da referenciação, da tematização e do tópico discursivo; o segundo discorre sobre os processos referenciais, como o papel dos referentes, das expressões

referenciais e anáforas na continuidade do texto; o terceiro apresenta um estudo breve sobre a tematização e rematização na construção da coerência (dos sentidos do texto); o quarto subtítulo mostra que um texto compõe-se de segmentos tópicos relacionados com o tema geral ou tópico discursivo. Neste trabalho, apresentamos estudos basilares de teóricos, como Marcuschi (2007); Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014); Koch e Elias (2017); Jubran (1992); Mondada e Dubois (2003); Adam (2008, 2019); Hanks (2008); Van Dijk (2012), entre outros de igual valor, para a realização do que pretendemos fazer: a explicitação do texto como evento; a natureza eminentemente interacional, discursiva e dinâmica dos processos de produção e compreensão, tratando, sobretudo, da progressão textual.



ATIVIDADE FINAL

Caro/a aluno/a, realize a atividade final desta aula, intitulada “Tematização e rematização”, disponível no AVA/Moodle.



AUTOAVALIAÇÃO

Terminada esta segunda aula, o que consegui aprender com essa primeira leitura? Será que o meu ponto de vista sobre a realização dos textos, estratégias de textualização, progressão textual, referencial e remática é o mesmo que eu tinha antes de fazê-la? E sobre as diferentes propriedades do tópico discursivo, o que consegui adicionar ao meu conhecimento? Bem! Pensando nessas e em outras questões, acho que eu deveria fazer mais uma leitura, com mais atenção, deste texto, procurando grifar os aspectos mais relevantes dessa nossa segunda aula. Ah! Vou, também, tentar ministrar uma aula para mim mesmo(a).



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você irá entrar em contato com outras estratégias de textualização definidoras do texto como objeto de estudo, de investigação e de análise; dentre as quais, citemos: estratégias de leitura/ compreensão, interpretação textual/ significação, contextualização, intertextualidade, inferenciação, pressuposição e subentendidos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- ADAM, Jean-Michel. **Textos**: tipos e protótipos. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; SANTOS, Leonor Werneck. Referenciação e marcas de conhecimento partilhado. **Linguagem em Discurso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, 2012. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/LinguagemDiscurso/issue/view/93>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. Linguística Textual e Análise da Conversação: o tópico discursivo e seus processos de expansão. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (org.). **Linguística Textual**: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017.
- GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto 2009.
- HANKS, William. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.
- JUBRAN, Célia C. A. Spinardi et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Unicamp/Fapesp, 1992, v. 2, p. 322-384.
- KLEIMAN, Ângela B. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 2. ed. Campinas: Pontes, 1992.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **O texto na linguística textual**. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (org.). O texto e seus contextos. São Paulo: Parábola Editora, 2016. p. 31-44.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Análise da conversação. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fenômenos da linguagem**: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVACANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biase; CIULLA, Alena (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VIANA, Antônio Carlos. **Cine Privê**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 99-103.

GLOSSÁRIO

Este glossário procura destacar alguns conceitos importantes na/para a compreensão, interpretação e análise de texto diversos. Alguns destes conceitos já foram vistos ou apresentados no conteúdo desta aula. Destacamos aqui a fim de que você, caro/a discente, possa consultá-los com maior brevidade.

Conhecimentos prévios – São saberes ou informações que temos depositados em nossa memória para serem acionados quando for necessário. Na opinião de Kleiman (1992), ao ler textos, acionamos conhecimentos linguístico, textual, enciclopédico, intertextual, contextual, dentre outros, conforme a situação interacional, que colaboram para a construção da coerência (dos sentidos do texto):

- **conhecimento linguístico** – diz respeito ao conhecimento gramatical e lexical. É o que se destina à estruturação (organização) do material linguístico na superfície do texto. Refere-se ao uso de elementos lexicais e coesivos colocados à disposição do falante para realizar a remissão ou a sequenciação do texto;
- **conhecimento textual** – concerne à nossa percepção de como se organizam os textos. Leva em conta elementos que entram em sua composição (modo de organização), além de aspectos de conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação;
- **conhecimento enciclopédico** – é o que se encontra armazenado na memória de cada falante. Corresponde às proposições a respeito de acontecimentos do mundo, e do tipo episódico, ou modelos cognitivos, os que são determinados e adquiridos por meio das experiências socioculturais;

- **conhecimento interacional** – é o conhecimento que o falante tem sobre as ações verbais, ou melhor, sobre as formas de interação através da linguagem. São os conhecimentos do tipo: ilocucional, que diz respeito aos propósitos do falante; comunicacional, concernente a normas comunicativas; metacomunicativo, que faz com que o produtor do texto evite possíveis perturbações na comunicação; e superestrutural, que diz respeito aos modelos textuais no geral;
- **conhecimento contextual** – refere-se à associação do texto a ser lido com o contexto de leitura e de produção. Isso equivale a dizer, em linhas gerais, que contextualizar significa também perceber intencionalidades interacionais.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1933-2018) – Linguista brasileira que nasceu em 1933, na Alemanha, e se mudou com a família para o Brasil ainda criança, antes da II Guerra Mundial. Em 1986, publica o primeiro livro sobre Linguística textual: introdução, com Leonor Fávero, que marcou o início da divulgação da LT no Brasil, simultaneamente à publicação do livro *Análise da Conversação*, de Marcuschi (1986). Professora Titular de Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ) do (CNPq); autora e coautora de diversas obras e inúmeros trabalhos publicados em revistas e coletâneas, no país e no exterior. Graças a sua inteligência extraordinária e a sua total atenção ao que lhe interessava em termos intelectuais e científicos, alcançou, em tempo recorde, para sua produção e para sua obra, níveis altos de interesse e dedicação por parte do público leitor, não só de sua área de atuação, mas também de outros campos de pesquisa que se interessam pela complexidade e beleza dos estudos do texto. Com muita experiência na área da Linguística, sobretudo em Teoria e Análise Linguística, desenvolveu e orientou diversas pesquisas nos seguintes temas: linguística textual, referenciação, argumentação, língua portuguesa e construção de sentidos.

Macroestrutura – É a estrutura que se identifica como o significado global do objeto do texto. No nível macroestrutural, as formas ou expressões nominais, ao efetuarem a progressão textual, são responsáveis pela introdução de novos referentes, novas sequências textuais e, também, pela paragrafação. São expressões linguísticas importantes para o estabelecimento da coesão textual.

NURC – Projeto de estudo da **Norma Linguística Urbana Culta**, criado em 1969 sob a coordenação do professor Ataliba de Castilho

(UNICAMP). Ele conseguiu reunir pesquisadores de diferentes vertentes teóricas e de diferentes capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) no projeto, cujo propósito era a criação de uma gramática que fizesse referência à variante culta do português falado no Brasil. As entrevistas desse projeto foram realizadas nas décadas seguintes. Em 1988, surgem os primeiros textos publicados, ou seja, os primeiros resultados do Projeto Gramática do Português Falado. O conhecimento acumulado pelo Projeto NURC sobre o português brasileiro não só foi importante para a publicação de vários volumes dessa Gramática, mas também para a produção de diversos trabalhos de mestrado e doutorado no interior das universidades brasileiras, visto que muitos pesquisadores (discentes/docentes) têm recorrido ao corpus do projeto NURC. Passados cinquenta anos, seu valor como documentação de uma importante fase histórica da construção do português brasileiro contemporâneo entra em uma nova etapa de sua história.

Processamento estratégico do texto – Diz respeito a uma atividade que envolve tanto elementos linguísticos como sociocognitivos. O texto, no interior desta abordagem, é também considerado como um conjunto de “pistas”, que é formado por elementos linguísticos de diversos tipos, dentro da concepção de linguagem como atividade interacional.

Sociocognição – Refere-se à compreensão da teoria sobre a produção, o armazenamento e a utilização do conhecimento que investe na inter-relação constitutiva de modelos mentais com os aspectos socioculturais compartilhados. Como vemos, o estatuto do texto e da coerência é visto sob um viés sociocognitivo, uma vez que essa proposta procura estabelecer uma relação entre o processamento cognitivo e as experiências culturais – os níveis cognitivo e social.

Teun Adrianus Van Dijk (1943) – Linguista neerlandês que nasceu em 1943. Na Universidade de Amsterdã, na Holanda, estudou Língua e Literatura Francesa, na qual também obteve os títulos de mestrado e doutorado. Realizou seus estudos pós-doutorais na Universidade da Califórnia (Berkeley). No início de 1970, diversas tendências teóricas nos estudos da linguagem lutavam para conquistar ou manter seus espaços no universo acadêmico. Foi nesse cenário que as ideias e reflexões de Van Dijk começaram a ser publicadas: ele se afastava de um posicionamento estático de língua, adotando uma visão dinâmica, interacionista. Participou ativamente das viradas pragmática e cognitiva

e, por suas contribuições nos campos da linguística textual e da análise do discurso, tornou-se conhecido no cenário internacional. Na década de 1980, cresceu o interesse pelo processamento cognitivo do texto, sendo que Van Dijk, um dos fundadores da linguística textual, foi também um dos pioneiros da introdução de questões de ordem cognitiva no estudo da produção, da compreensão e do funcionamento de textos. É autor de vários livros, dentre os quais, **Cognição, discurso e interação** (1992), **Discurso e poder** (2008), **Racismo e discurso na América Latina** (2008) e **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva** (2012). Atuou como professor de Estudos do Discurso na Universidade de Amsterdã e como professor visitante em vários países, como Alemanha, Brasil e Itália. No momento, atua como professor em uma universidade pública de Barcelona – Universidade Pompeu Fabra (UPF). Desenvolve pesquisas centradas em questões de racismo, ideologia, contexto, conhecimento e processamento do discurso crítico.